

As perspectivas para a economia brasileira, na opinião dos empresários

Há salvação para este semestre?

Albano Franco
Presidente da CNI

A tendência da economia tem sido de progressiva recuperação. Mas isso pode ser passageiro, pois depende da inflação. A salvação depende da capacidade do Governo de imprimir confiança a um plano de estabilização que, por impor custos, exige o apoio de todos.

Cresceu o volume de investimentos no exterior?

Antonio Oliveira Santos
Presidente da CNC

Não podemos perder a confiança e o empresário privado continua confiante. Em janeiro, a indústria paulista cresceu 2,4% e as vendas reais, nos últimos dois meses, registraram uma expansão de 8,4%.

Ayrton Fornari
Presidente da Asserj

Em economia, assim como não há milagre, as coisas não acontecem do dia para a noite. Eu diria que a "salvação" do primeiro semestre consistiria em se colocar em andamento algum plano consistente visado à recuperação econômica.

O plebiscito agrava a crise econômica?

Independente.

O plebiscito dificulta o encaminhamento das soluções, pois estas dependem de aprovação de medidas no Congresso e a discussão sobre o plebiscito pode prejudicar alianças políticas.

A inflação é ascendente?

Sim

Não necessariamente. Depende da política de contenção de gastos e de privatização do Governo federal.

Os dissídios de abril e maio pressionarão a inflação?

Sempre tem algum efeito. O importante, no entanto, é termos consciência de que o problema da inflação não será resolvido com passes de mágica. Ele exige um árduo trabalho em várias frentes (fiscal, monetária, privatização etc).

Ao que tudo indica, os salários não têm sido causa da expansão inflacionária. Entretanto, o sistema de indexação gera um processo de realimentação da inflação inercial.

Em período de recessão, reajustes salariais representam forte pressão inflacionária, uma vez que não há aumento de produção.

Marcel Teiles
Presidente do Sindicato da Cerveja

Acho que tem. Olho sempre o país como uma empresa, e como tal, a situação do Brasil é boa: a relação grau de endividamento/produção nos é favorável. É tão boa que, se não atrapalharem, o país quase anda sozinho.

Não. Não acontece no Brasil o que aconteceu com a Argentina. Nós da Brahma, até temos uma montaria (que transforma cevada em malte) na Argentina, mas isso porque a produtividade da cevada lá é muito maior. Ou seja, temos negócios lá fora, mas em função dos nossos negócios internos.

Não agrava. O problema do Brasil é de eficiência de Governo. Todo sistema é bom, desde que seja eficiente.

É estável

Não. Quando você tem uma recessão forte como esta, o poder de barganha dos trabalhadores fica limitado. Os sindicatos têm tido bom senso e os trabalhadores estão negociando em bases bastante moderadas.

Odilon Lacerda
Presidente do Sindicato dos Postos /RJ

Não. As medidas que têm que ser tomadas — redução do déficit, enxugamento da máquina administrativa, equilíbrio das tarifas — são duras e exigiriam que o Governo tivesse forte credibilidade e forte apoio político para poder fazer o que é necessário.

Acredito que sim. Os investimentos devem estar sendo desviados. Hoje mesmo lemos nos jornais que uma multinacional está pensando em investir em outros mercados. O país não apresenta segurança para que novos investimentos sejam feitos aqui.

O plebiscito não veio num momento adequado. Atrapalha, sim.

Acho que está caminhando para a aceleração, devido à correção monetária.

Com certeza. Todos os dissídios influenciam. Os aumentos do salário-mínimo também.

José Eduardo Bandeira de Mello
Vice-Presidente da Abifarma

Claro, desde que o Eliseu Resende mantenha a tranquilidade e aproveite o que o Haddad fez na sua gestão. O Governo precisa lançar uma âncora de confiança, que garanta sua credibilidade.

As multinacionais estão evitando investir no Brasil. Todas as empresas do setor farmacêutico pretendiam dobrar em 1993 o investimento de US\$ 150 milhões que fizeram em 1992, mas os planos estão agora suspensos. É preciso manter um clima de confiança.

O plebiscito será muito importante na conjuntura econômica. Caso vença o parlamentarismo, poderemos eliminar os vícios do presidencialismo. A demissão do Haddad foi tipicamente uma atitude imperial do presidente da República, que não consultou a sociedade.

Depende do que o Eliseu realizar. Mas acho difícil reverter a tendência de alta nos próximos dois meses, quando o custo de vida deverá atingir 30%. O Eliseu poderá baixar depois esse índice, caso adote as medidas que vinham sendo estudadas por Haddad.

Não. Eles são secundários diante dos outros problemas da economia.

Hélio Mattar
Coordenador geral do PNBE

Não. E preciso criar condições para baixar a inflação. As reformas estruturais aplicadas por Haddad foram lentas e também vão demorar com Eliseu Resende. Haverá dificuldades em satisfazer a urgência pedida por Itamar na redução dos índices de custo de vida. A insegurança na conjuntura levará os agentes econômicos a buscarem proteção nos reajustes de preços.

Não. As taxas de juros no Brasil são bastantes elevadas, o que atrai o capital externo.

Depende do resultado. Se der presidencialismo, os candidatos a presidente iniciarão suas campanhas, conturbando a conjuntura. Com o parlamentarismo, os partidos políticos se articularão em busca do bem comum.

A inflação deverá crescer um pouco mais nas próximas semanas, mas se o Governo não fizer besteiras, ela cairá depois e se estabilizará em 27% até junho. A partir daí, pode ocorrer uma disparada, com a entressafra da carne e outros produtos. Precisaremos, então, de um pacto social.

Sim. Não por causa dos reajustes acertados nos acordos, mas devido à expectativa de um grande aumento do poder aquisitivo dos trabalhadores. Esse é outro motivo que justifica um pacto social.

Sérgio Magalhães
Presidente da Abimag

Não há salvação para a economia até junho. Estamos com 13 anos de má administração em Brasília e precisamos de um prazo longo para resolver a crise. Um administrador como o Eliseu Resende levará três meses para se inteirar das coisas.

Não houve aumento na remessa de dinheiro para o exterior. Nos últimos meses, surgiram inclusive expectativas de retomada de crescimento econômico, alimentadas por acordos como o do setor automobilístico.

O plebiscito não prejudica, mas é um grande blefe. Estão tentando mostrar que a mudança de sistema de Governo corrigirá o país. Isso é um engodo.

A inflação deverá ficar no patamar atual. A atividade econômica é baixa para que possa ocorrer uma disparada nos reajustes dos preços, mas também não há mecanismos que possam reduzir o índice do custo de vida. Juros altos, por exemplo, são uma grande cretinice, porque as empresas não têm dívidas junto aos bancos e, portanto, não precisam desovar estoques para honrar seus compromissos.

Não. Os reajustes de salários deverão ser muito pequenos, pois as empresas estão com poucos negócios.

Luiz Fernando Furlan
Presidente da Abrasca

Quando uma pessoa assume um cargo, leva tempo para se adaptar às novas funções. É o que deverá ocorrer com o Eliseu. Poderemos ter um crescimento inercial, que já vinha ocorrendo na época do Haddad.

O volume de investimentos para o exterior não aumentou. Os juros lá fora são muito baixos e alguns países da Europa sofrem fortes oscilações no câmbio, o que não torna atraente a aplicação de dinheiro.

O plebiscito corre o risco de parecer a tábua de salvação, mas não tem efeito sobre a crise.

Isso dependerá de o Governo ter um plano econômico consistente, no qual a população e ele mesmo acreditem. A insegurança gera inflação.

Não. Com raríssimas exceções, a economia está deprimida. Empresários e trabalhadores terão o bom senso de negociarem a retomada do desenvolvimento.

Joseph Coury
Presidente do Simpi

Não, pois o quadro político se desestabilizou. E com isso, não há como reaquecer a economia no primeiro semestre.

Sem dúvida. As bolsas de valores registraram quedas substanciais no volume das movimentações, apesar de altas e baixas momentâneas.

Independente. Mas os candidatos à Presidência da República já estão em campanha, o que desestabiliza o quadro político.

Depende da atitude do Governo. Se negociar com os empresários, a inflação vai se estabilizar ou cair. Mas se houver impasse, os índices do custo de vida serão ascendentes.

Não. Os acordos salariais são mera reposição da inflação. Os salários estão hoje 50% menores do que há 20 atrás e, mesmo assim, o custo de vida aumenta.